

# LITERATURA E PSICANÁLISE NO PROCESSO DE REPARAÇÃO DO TRAUMA

LITERATURA Y PSICOANÁLISIS.  
EL PROCESO DE REPARACIÓN DEL TRAUMA.

LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS:  
THE PROCESS OF TRAUMA REPAIR

Jose Dario Córdoba Posada  
ORCID: 0009-0003-6316-4037  
dariocordova8@gmail.com  
Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Data de Recebimento: 02 – 05 -2026  
Data de Aceitação: 12-05-2026

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Córdoba Posada J.D. (2026) LITERATURA E PSICANÁLISE NO PROCESSO DE REPARAÇÃO DO TRAUMA  
Intercambio Psicoanalítico 17 (1), DOI: 10.60139/InterPsic/17.1.10  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# LITERATURA E PSICANÁLISE NO PROCESSO DE REPARAÇÃO DO TRAUMA

Jose Dario Córdoba  
Posada<sup>1</sup>

1 Psicólogo/Psicanalista. Mestre em  
Memória Social e Psicossociologia  
UNIRIO/UFRJ

**Resumo:** O texto busca produzir diálogos entre a psicanálise, literatura do pós-guerra e memória. A guerra civil pela qual passou El Salvador na década de 80 foi encerrada a partir dos acordos de paz em 1992, mas o legado de mortes de civis nos doze anos de conflito armado está longe de ser resolvido. Contudo, observamos o surgimento de uma literatura chamada de “pós-guerra” onde a novela do Horacio Castellanos Moya intitulada *Asco: Thomas Bernhard em San Salvador* e *Noviembre* de Jorge Galán nos ajuda a pensar esse período para questionar a identidade nacional, o lugar do exilado no país de destino, e ainda, a memória da pátria vivida. O conceito do trauma desenvolvido por Freud e Ferenczi, contribuiu para pensar o sujeito em situações adversas e ajudam a pensar a literatura como um meio para dar sentido ao traumático. Como esta articulação pode abrir caminhos para uma clínica do trauma? É possível a literatura atenuar e dar sentido ao trauma da guerra de uma coletividade? O que a literatura de pós-guerra contribui para entender o conceito de trauma na psicanálise?

**Palavras-chave:** Psicanálise, Pós-guerra, Trauma, Literatura, Memória

**Resumen:** El presente artículo propone un diálogo entre el psicoanálisis, la literatura de posguerra y la memoria social a partir de la Guerra Civil en El Salvador (1980–1992). Se analizan las novelas *Asco: Thomas Bernhard en San Salvador* de Horacio Castellanos Moya, y *Noviembre*, de Jorge Galán, como producciones literarias que permiten elaborar simbólicamente la experiencia traumática colectiva. A partir de los conceptos de trauma desarrollados por Sigmund Freud y Sándor Ferenczi, se reflexiona sobre la posibilidad de la literatura como espacio de elaboración psíquica del trauma social, así como su contribución a una comprensión clínica y cultural de las consecuencias subjetivas de la violencia estatal y del conflicto armado en sociedades atravesadas por la posguerra.

**Palabras clave:** psicoanálisis, postguerra, trauma, literatura, memoria.

**Abstract:** This article aims to establish a dialogue between psychoanalysis, postwar literature, and memory. El Salvador's civil war, which took place during the 1980s and formally ended with the 1992 Peace Accords, left a legacy of civilian deaths that remains unresolved. Within this historical context, the emergence of postwar literature reflects ongoing struggles surrounding national identity, exile, and collective memory. The analysis focuses on Horacio Castellanos Moya's novel *Revulsion: Thomas Bernhard in San Salvador (Asco)* and *Noviembre* by Jorge Galán which offers a critical examination of the nation's postwar condition, the position of the exile in the host country, and the memory of the homeland as lived experience. Drawing on the concept of trauma as developed by Freud and Ferenczi, the study explores how literature may function as a symbolic medium through which traumatic experiences can be articulated and rendered meaningful. By articulating psychoanalytic theory and literary analysis, the article discusses the potential contributions of postwar literature to a clinical understanding of trauma and to the comprehension of war-related trauma at a collective level.

**Keywords:** Psychoanalysis, postwar, trauma, literature, memory.

*La huida*  
*Yo no hablé de los asesinos.*  
*Yo hablé de los cuerpos*  
*bajo la interminable noche de noviembre,*  
*hablé de los seis hombres tendidos en la grama,*  
*hablé de las mujeres, las dos, tiradas en el piso,*  
*y las sombras alrededor, siluetas*  
*que persisten bajo el graznido de los cuervos...*

*Y volví a hablar para contar la historia*  
*de los seis hombres y las dos pequeñas mujeres*  
*pero no de sus asesinos.*  
*Porque no hablé de sus asesinos*  
*pero ellos si me hablaron, formas de penumbra*  
*siempre atrás, mientras andaba por la calle*  
*y al dormir, donde los observé acercarse otra vez,*  
*apuntarme a través de una puerta de cristal,*  
*justo cuando mi cabeza cayó y esperé.*

*Jorge Galán. **Bajo la interminable noche de noviembre***

Este artigo pretende refletir sobre as consequências subjetivas da guerra civil de El Salvador, enfatizando o que foi conhecido como o “massacre dos jesuítas” e a vida da população no pós-guerra através de duas obras semifictícias - *Noviembre* de Jorge Galán e *Asco* de Horácio Castellanos Moya. A reflexão terá como base teórica a contribuição de Sigmund Freud e Sandor Ferenczi com os conceitos de trauma e desmentido, o conceito de estética do cinismo de Beatriz Cortez na literatura do pós-guerra. São conceitos que pertencem a diferentes campos de saber, configurando o trabalho como uma investigação transdisciplinar que articula a memória social, a psicanálise e a literatura do pós-guerra, a fim de compreender o impacto subjetivo que os doze anos de conflito armado (1980-1992) produziram nos salvadorenos.

É importante destacar que revisaremos o conceito de trauma em Freud e o percurso que o levou a pensar o trauma como elemento fundamental de uma nova etiologia para as neuroses de guerra que se disseminaram a partir do fim da Primeira Guerra Mundial. Para Freud, esses traumas são específicos de uma dada situação e ao mesmo tempo reveladores, em cada indivíduo, de uma história que lhe é peculiar. Freud define o trauma como uma vivência “que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isso só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera” (FREUD, 1917). Esta concepção do trauma como excesso que o psiquismo não consegue metabolizar foi depois ampliada a partir dos estudos de Sándor Ferenczi, psicanalista húngaro que fez das vivências traumáticas o centro de sua teoria. Para Ferenczi, o excesso energético, ou mesmo a violência, não seriam suficientes para explicar o trauma. Seria preciso que a esta violência fosse acrescida uma outra experiência: a do desmentido, que consiste em desautorizar a percepção, os afetos e a própria subjetividade de quem viveu uma violência, produzindo no psiquismo uma cisão e uma confusão sobre a experiência vivida (FERENCZI, 1933).

### **O ponto de partida. Um pequeno país, uma década de guerra civil, mais de oitenta mil mortos**

Na madrugada do 16 de novembro de 1989 um comando do Batalhão Atlacatl, um batalhão de elite treinado pelo governo americano entrou na Universidade Centroamericana de El Salvador retirou cinco sacerdotes jesuítas de dentro da residência da faculdade os jogou deitados no jardim e os metralhou, ainda assassinaram uma empregada na mesma residência junto com sua filha de 15 anos. Este evento ficou conhecido como a massacre dos jesuítas. Isso aconteceu no meio da guerra civil de El Salvador, que durou de 1980 até 1992 quando se firmaram os acordos de paz.

É nessa configuração social que podemos entender a Guerra Civil em El Salvador, que se constituiu como um conflito armado entre o governo ditatorial e a guerrilha de esquerda, organizada em torno da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). A guerra começou oficialmente em 1980, pois foi nesse ano que o exército lançou o primeiro operativo contra-insurgente, mas entendemos que o conflito vinha se configurando desde várias décadas atrás.

O episódio que ficou conhecido como o “massacre dos jesuítas” foi a reação brutal e arbitraria das forças armadas a um fato que havia ocorrido um pouco antes: no dia 11 de novembro de 1989, o Exército de Libertação invadiu a capital no que se chamou a “ofensiva final” e tomou de surpresa as forças armadas do governo. Os enfrentamentos foram intensos, com muitas baixas nos dois exércitos e entre a população civil. Uma das estratégias das forças governamentais foi, em meio ao caos provocado pela surpresa, entrar na Universidade Centro-Americana na madrugada do dia 16 de novembro e assassinar seis jesuítas, a empregada da casa e sua filha.

Um dos jesuítas assassinados Ignacio Martín-Baró que era professor de psicologia social na UCA aponta no seu livro *Psicologia Social da Guerra* (1990) que a situação de El Salvador era insustentável e que uma guerra civil era esperada, pois as condições de miséria da população eram ofensivas para a dignidade humana. Historicamente, impunha-se uma aliança entre a oligarquia tradicional e uma força armada corrupta que bloqueava qualquer tentativa de mudança, inclusive, através do voto. Muito antes de a guerra eclodir, já se respondia com repressão (prisão, tortura e desaparecimento) a qualquer demanda de satisfação das necessidades básicas da população.

A guerra durou doze anos e a cada ano ela foi aumentando em extensão e profundidade, pois o que, ao início, se limitava a poucas zonas críticas, nos últimos anos tinha se estendido a todo o território nacional.

Para um país pequeno (aproximadamente 21.000 km<sup>2</sup>) e, na época, com uma população em torno de 6 milhões de habitantes, era difícil que a grande maioria da população não tivesse sido impactada direta ou indiretamente.

O desfecho da ofensiva final foi decisivo para encontrar uma saída negociada do conflito que havia se instalado como guerra civil desde 1980. Foi primeira vez que o combate tinha chegado à capital e, embora, o exército de libertação tenha se mostrado forte, ainda não havia possibilidade de tomada do poder pela luta armada (MONTORBIO, 1999). O massacre dos jesuítas fez aumentar a pressão internacional para a assinatura dos acordos de paz e foi decisivo para que eles fossem assinados dois anos depois do massacre. A falta do avanço no esclarecimento dos assassinatos foi um dos fatores-chave para que estes acordos se tornassem possíveis em 1992.

### **Como elaborar o trauma a partir da literatura, da memória social e da psicanálise?**

Para ilustrar esta reflexão cito o livro de Flavio Tavares, *Memórias do Esquecimento* (2005), ganhador do prêmio Jabuti em 2000, como obra de reportagem, escrito em ritmo de romance de ação em que se revelam os detalhes da história da violência de Estado no Brasil. Flavio Tavares foi preso e banido do Brasil pela ditadura. O autor demorou 30 anos para escrever esse livro contundente como testemunho da tortura que sofreu por parte do Estado. No capítulo *O Exílio no Sonho*, ele relata:

*Ao longo dos meus dez anos de exílio, um sonho acompanhou-me de tempos em tempos, intermitente. Meu sexo me saía do corpo, caía-me nas mãos como um parafuso solto. E, como um parafuso de carne vermelha eu voltava a parafusá-lo, encaixando-o entre minhas pernas um palmo abaixo do umbigo, no seu lugar de sempre. Sonhei no México, em 1969, com meu pênis saindo-me pelas mãos, seguro na palma esquerda, com os dedos da mão direita buscando sentir, aflitos, se ele ainda pulsava, se o sangue nele corria, se meu sexo ainda vivia...*

Mais terrível que o pesadelo era o levantar-se com ele, na dúvida, naquelas frações de segundo entreabertas entre a noite e o amanhecer, sem saber se fora apenas sonho mesmo ou o despertar de uma realidade cloroformizada pela vida. Meu sexo saía do lugar sem mais nada, como uma espécie de folha caída. (TAVARES, 2005, p19).

O sonho traumático tende a dar conta de uma fratura, de uma cisão que ocorre numa situação de tortura. Exige um reconhecimento do sofrimento físico, apresenta um terror de morte e uma busca por sobrevivência. O corpo é convocado na própria composição da experiência traumática no sonho.

Vemos, no relato do autor, a experiência literal da castração na qual vai se esvaindo toda a integralidade do corpo e da alma. A humilhação repetida no sonho demonstra o fracasso da elaboração psíquica. A publicação do relato de Flavio Tavares mostra, através da literatura, uma forma de resistência e elaboração deste fracasso inicial do psiquismo, e uma busca de saída para a elaboração do trauma, mesmo após décadas do fato acontecido. O livro de Flavio Tavares foi concluído 27 anos depois de ele ser libertado do cárcere da ditadura no Brasil e, pela experiência psicanalítica, talvez, seja este o tempo capaz de separar o fato do terror que ele produz.

*Os sonhos têm um subsonho, subliminar, que não aparece, mas que também se sonha, e que em mim era um pesadelo escondido: se meu pênis chegasse a ter uma cor roxa, um lilás forte, estaria necrosado e eu, definitivamente, castrado. O roxo violeta nunca apareceu e continuei sendo, nesses anos, o cirurgião plástico de mim mesmo... (TAVARES, 2005 p 20).*

Ferenczi não valorizava tanto a questão da castração. O autor apontava que, no trabalho com pacientes traumatizados de guerra, eles eram, muitas vezes, arrebatados pela emoção e por dores violentas de natureza psíquica e corporal. Até mesmo delírios e perda de consciência, mais ou menos profundas, misturavam-se ao trabalho de associação puramente intelectual. A compreensão, assim, adquirida proporciona uma espécie de satisfação que é, ao mesmo tempo, afetiva e intelectual e merece ser chamada de convicção, porém essa satisfação não dura muito, por vezes, algumas horas apenas. Através do sonho traumático, o sujeito se defronta com uma forma deformada do trauma, sem o menor sentimento de compreensão do que lhe acontece. Uma vez mais, toda a convicção que se formou se desfaz continuamente e o paciente oscila como antes, entre o terror sentido, mas não compreendido, e a reconstrução do estado rígido durante o qual pode compreender tudo, mas nada sente.

O sonho de Flavio Tavares não trata tanto de uma castração simbólica, mas de uma castração real, de uma experiência de aniquilamento. Nesse sentido, ele pode ser entendido por meio de uma combinação entre as ideias de Freud e de Ferenczi. O psicanalista húngaro valoriza o sonho traumático como modelo todos os sonhos e observa que “todo e qualquer sonho, mesmo o mais desagradável é uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio psíquico melhores” (FERENCZI, 1934 p 128). A repetição, noite após noite, do sonho traumático seria uma busca de fornecer ao trauma algum grau de elaboração psíquica, para que ele pudesse, finalmente, ser assimilado pelo psiquismo.

Assim, consideramos que o sonho traumático de Marcio Tavares foi atravessado pelas pulsões de vida, introduzindo no jogo do aparecimento e desaparecimento do pênis, no pôr e tirar seu próprio órgão, um princípio de ordem completamente diferente da experiência do arrancamento do pênis. O sonho restaurava a potência do sonhador de recolocar no seu corpo cada vez que desenroscava. Nesse caso, uma ordem é buscada diante da fragmentação, mas ela não restaura, nem repara.

Após 1920, com o final da primeira guerra, o desenvolvimento de uma clínica para o tratamento dos neuróticos de guerra e o retorno de alguns discípulos de Freud convocados como médicos de guerra, Freud retorna diferentemente à ideia de trauma.

Freud vê-se obrigado, em 1920, a rever sua tese sobre o predomínio do princípio do prazer na vida psíquica e a analisar o sonho novamente, mas, desta vez, para atestar o fracasso, às vezes, da elaboração onírica. Nesses sonhos, o que aparece é a literalidade da experiência vivida e traumática.

Assim, surge um elemento novo que não era visível para Freud: a sobrevivência no psiquismo de um acontecimento psiquicamente insuportável, fisicamente insistente, mas que encontrava um índice de permanência na experiência. Tudo se passava como se fosse revisitado aquele lugar que os soldados viveram na guerra, onde também viveram o horror para depois voltar a vivê-los nos seus sonhos (Freud, 1920). É essa concepção que costuma ser utilizada para se pensar o trauma social a partir de Freud: tanto no plano individual quanto coletivo, podem existir situações muito fortes e violentas que ultrapassam a capacidade de elaboração psíquica de indivíduos, grupos ou comunidades.

O sonho deixa de ser um relato do passado, mas, também, não é presente; não é uma lembrança que pode ser relatada, não se representa, mas se faz presente. Nesse caso, temos uma indistinção temporal, ao invés de dois tempos.

Ainda que a guerra tenha levado Freud a recolocar o trauma no centro de sua teoria, psicanalistas que pesquisam a relação da psicanálise com áreas como a política, a cultura e direitos humanos apontam a importância de pensar o conceito do trauma de uma maneira mais ampla do que Freud originalmente apresentou. É que Freud, desde que criou a psicanálise, deixou de dar ênfase à realidade e à exterioridade do evento traumático. Após o abandono da teoria da sedução, pela qual enxergava no trauma o abuso de uma criança por um adulto, passa a articular o trauma sempre a partir de uma realidade psíquica.

Será com Ferenczi que uma mudança de concepção mais fundamental se apresentará aos psicanalistas e à teoria psicanalítica.

A principal contribuição do Ferenczi sobre o trauma é apresentada em dois textos importantes: *Análise de crianças com adultos*, de 1931, e um de seus escritos mais emblemáticos, *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*, apresentado, em 1932, no congresso de Wiesbaden.

Contudo, não bastava para Ferenczi a explicação do trauma pela violência da experiência. Era preciso que a essa violência de somasse também outro elemento, esse sim, fundamental para o caráter patogênico do trauma: o desmentido, como Ferenczi afirma em *Análise de crianças com adultos* (1931, p. 79): “O pior é o desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o trauma patogênico”.

Dessa forma, coube a Ferenczi promover um des-recalcamento da primeira teoria freudiana do trauma para avançar no entendimento da ação exógena envolvida no trauma. Como afirma Jô Gondar (2012), ainda que Ferenczi tenha construído seu modelo de trauma a partir de histórias familiares que envolviam uma criança abusada e desmentida, este modelo não privilegiava personagens, e sim relações. “Relações de poder,

de dependência, de desvalorização de desrespeito; em suma, relações políticas, na mesma medida em que afetos como vulnerabilidade, humilhação, injustiça e vergonha podem ser considerados como afetos políticos” (GONDAR, 2012, p. 196). É nesse sentido, que podemos estender sua concepção de trauma para situações mais amplas, como as que dizem respeito a grupos ou sociedades. Pode-se pensar que no trauma social uma instância mais poderosa violenta e invalida sujeitos em posição mais vulnerável, desmentindo a violência exercida e a própria percepção e modos de vida desses sujeitos.

Fazendo uma articulação entre Freud e Ferenczi é que podemos analisar alguns exemplos da incidência do trauma por conta da violência de Estado, revelando a paralisação do trabalho psíquico na elaboração das suas próprias experiências. Essa impossibilidade de elaboração traumática produz não apenas sintomas individuais, como paralisia de pensamento e movimentos, apatia, pânico e depressão, mas também sintomas relacionais, como a perda de uma confiança básica em si mesmo e nos outros, nos vínculos que garantem o convívio social, nos governantes, nos saberes humanos e em qualquer possibilidade de amparo, seja ele familiar, comunitário, social, político. Podemos ver, assim, que o sujeito está destinado a uma experiência individual da catástrofe. Mas, também, que o trauma, entendido no seio de relações de poder, pode ser pensado numa dimensão social e política. Nesse sentido, ele pode ser pensado como trauma social.

### **O pós-guerra desde a literatura. A interpretação nas margens**

Depois da assinatura dos acordos de paz em El Salvador, em 1992, e após o fim do governo sandinista na Nicarágua, surge o que Beatriz Cortez (2009) chama de uma sensibilidade de pós-guerra. Ela se refere a uma forma de sensibilidade que não aparece exatamente desde a data do fim da guerra, mas se produz a partir de uma determinada configuração social e histórica. Portanto, ela não pode ser mapeada de maneira exata num intervalo definido por datas, embora suas origens possam ser reportadas ao período da segunda metade do século XX.

Trata-se de uma sensibilidade de desencanto ligada a uma forma de produção cultural, definida como uma estética do cinismo. Esta última contrasta com uma estética utópica da esperança que estava muito ligada aos processos revolucionários da guerra e imediatamente anteriores (CORTEZ, 2009, p. 25).

A literatura de pós-guerra seria um reflexo desta mudança de maneira de sentir o mundo e pode ser compreendido a partir da noção psicanalítica de trauma, particularmente da noção ferencziana, que relaciona o trauma ao desmentido. Minha hipótese é a de que um dos fatores mais importantes para a literatura de pós-guerra em El Salvador se apresentar como cínica e desesperançada deriva do fato de a história oficial e dominante não reconhecer os massacres realizados, mesmo que estes esclarecimentos estivessem previstos nos acordos de paz de 1992. É possível

dizer, e muitos psicanalistas o fazem (GONDAR, 2012), que o desmentido é o oposto do reconhecimento, ou seja, que o não reconhecimento das ações de violência perpetradas por uma instância de poder sobre aqueles que se encontram mais vulneráveis equivale a um desmentido. Aqui vemos um diálogo entre Ferenczi e Cortez, entre a estética do cinismo e o desmentido:

*[...] do lugar da formação de uma subjetividade precária em meio de uma sensibilidade pós-guerra tomada de desencanto: trata-se de uma subjetividade constituída como subalterna a priori, uma subjetividade que depende do reconhecimento de outros, uma subjetividade que somente se possibilita por meio da escravidão deste sujeito que a priori se constitui como subalterno, de sua destruição, de seu desmembramento, de seu suicídio literalmente falando. (CORTEZ, p. 25)*

Como exemplo do cenário que Cortez nos descreve, escolhemos nessa pesquisa duas novelas que podem ajudar a entender o impacto do trauma na recente história de El Salvador, articulando a psicanálise e a literatura de testemunho através da novela *Noviembre* (2015) de Jorge Galán e da novela *Asco* de Horacio Castellanos Moya.

Na primeira, Galán realiza entrevistas com pessoas que foram, de fato, protagonistas deste período, recriando uma narrativa sobre o assassinato de seis sacerdotes jesuítas, professores da Universidade Centroamericana Jose Simeon Cañas sua empregada e a filha. A narrativa do segundo livro, de Castellanos Moya, se desenvolve a partir de dois amigos que se encontram num bar para conversar. Um deles retorna a El Salvador após ter vivido um longo tempo no Canadá. Devido a isso, é capaz de enxergar o seu país de origem de uma maneira muito clara e, ao mesmo tempo, peculiar. O protagonista de *Asco* não acredita que exista algo como uma identidade nacional salvadorenha. Para ele, “ser salvadorenho” é uma ilusão, uma ideia que foi importada sem levar em conta os traços próprios da cultura do país.

### **El Asco. Thomas Bernhard em San Salvador Horacio Castellanos Moya**

A novela de Horacio Castellanos Moya intitulada *Asco*<sup>1</sup> se desenvolve a partir de dois amigos que se encontram num bar para jogar conversa fora. Um deles, Vega, está de volta a El Salvador após um longo autoexílio no Canadá, viveu fora o tempo suficiente para enxergar o país de origem de uma maneira muito peculiar, aparentemente, sem cortina de fumaça e sem a cegueira seletiva de que precisamos para sobreviver às mazelas do dia a dia. O protagonista denuncia a ideia de uma identidade nacional como alguma coisa falseada, ou seja, considera o “ser salvadorenho” como uma ilusão importada que nega ou banaliza traços próprios da cultura. Chega-se a pensar, nesta novela, se estamos escutando um sujeito melancólico, mas, na verdade, estamos numa obra de ficção. Moya, o narrador, permanece praticamente oculto, silencioso como um analista, servindo de veículo para o que vem a público.

<sup>1</sup> Castellanos Moyá, Horacio (2013) *Asco: Thomas Bernhard em San Salvador*. Rio de Janeiro: Rocco.

*[...] todos caminham como se fossem militares, cortam o cabelo como se fossem militares, pensam como se fossem militares, é espantoso, Moyá. Todos querem ser militares, todos seriam felizes se fossem militares, todos adorariam ser militares para matar impunemente, todos carregam o desejo de matar em seu olhar, na maneira de caminhar, no jeito de falar, todos querem ser militares para poder matar, isso significa ser salvadoreño... (MOYÁ, 2013, p. 22).*

É como se houvesse, nesta identidade salvadoreña, uma identificação com o agressor: aqueles que se sentem mais vulneráveis diante dos perpetradores querem ser exatamente como eles, por uma questão de sobrevivência. Foi Ferenczi quem desenvolveu, em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933), a noção de identificação com o agressor. Trata-se, para ele, de uma reação ao trauma. Com o choque traumático, a subjetividade se fragmenta, perde a forma, e se torna suscetível de receber qualquer forma que seja a ela outorgada, “como se fosse um saco de farinha”, escreve Ferenczi (1933). Tratando-se de um trauma psicossocial, ele passa a se refletir na própria “identidade” dos salvadoreños. É essa forma outorgada e falseada, é essa identificação das pessoas com os militares que as exploram e matam, que Moya denuncia em seu texto. Assim, recebendo uma forma que não os expressa, mas que lhe é imposta do exterior, os salvadoreños deixam de se interessar por sua própria história, como ele enuncia mais adiante:

*E, ainda, assim, há uns loucos que chamam este lugar de “nação”, um absurdo, uma estupidez que seria engraçada se não fosse grotesca: como podem chamar de “nação” um lugar povoado por indivíduos que não se interessam em ter história... (MOYÁ, 2013, p. 24).*

A guerra produz trauma nas pessoas e na sociedade como um todo, mas nem todas as consequências são negativas. Nesse sentido, a denúncia de Moya, por mais desencantada que seja, é uma forma de elaboração traumática. Ao mesmo tempo em que a novela *Asco* denuncia os desmandos e apresenta uma identidade que não se suporta, como se fosse insuportável ser salvadoreño, ela também denuncia o que não deve se repetir. A escrita é sempre uma possibilidade de elaboração, e a estética do cinismo não deixa de ser a elaboração de uma memória traumática.

*[...] nem sequer onze anos de guerra civil serviram para mudar algo, onze anos de de matanças permaneceram os mesmos ricos, os mesmos políticos, o mesmo povo fodido e a mesma imbecilidade permeando o ambiente. (MOYA, 2013, p. 50).*

É possível pensar que o que a literatura do pós-guerra em El Salvador, nos oferece são as transformações na subjetividade de um país, detalhe que esteve pouco presente na produção acadêmica a respeito da literatura salvadorenha. Como aponta Beatriz Cortez, a estética da guerra direcionava a literatura a uma produção comprometida com a ideia de revolução. Pensamos que o trauma social foi justamente o corte que conduziu a uma outra estética, mais cínica e desencantada.

*“- Os políticos fedem em todos os lugares, Moya. Mas aqui, neste país, os políticos são, especialmente, fedorentos. Posso garantir que nunca vi políticos tão fedorentos como os daqui, talvez, seja por causa dos cem mil cadáveres que cada um carrega, talvez o sangue desses cem mil cadáveres seja o que faz tudo feder de um jeito tão peculiar, talvez o sofrimento desses cem mil mortos os tenha deixado impregnados com essa maneira particular de feder”, me disse Veja. (MOYA, 2013, p. 25).*

### **Noviembre. La novela de Jorge Galán sobre la massacre de los jesuítas que conmocionó al mundo**

Por outro lado, a novela *Noviembre* de Jorge Galán é uma obra de sobre uma história verídica que causou grande comoção no país e no mundo: o assassinato de seis sacerdotes jesuítas e duas colaboradoras em 16 de novembro de 1989. Houve um julgamento dos autores, isso foi exigido pela guerrilha dentro dos acordos de paz, porém eles foram anistiados. Na novela, escrita, vinte e cinco anos depois, o presidente, na época, revela, pela primeira vez, os nomes dos autores intelectuais do massacre, no dia 11 de setembro de 2020, a justiça espanhola condenou o único acusado a 131 anos de prisão.

Galán apresenta na novela uma entrevista que ele mesmo fez com o presidente daquele período – Alfredo Cristiani – na qual cita os nomes dos culpados. As ameaças a Galán não demoraram a chegar assim que o livro foi lançado em El Salvador, forçando-o a se exilar na Espanha. Atualmente, tanto o autor como a novela são peças-chave no processo de investigação no qual a Justiça Espanhola, desde 2009, busca acabar com a impunidade deste crime, pois cinco dos sacerdotes assassinados são espanhóis.

Quando aconteceu o massacre, Galán estava com 16 anos. Predominava entre os jesuítas a teologia da libertação. Um deles – Ignacio Martín-Baró – ao ministrar a disciplina psicologia social na universidade, valorizava a psicologia da libertação como ferramenta para entender a guerra enquanto processo revolucionário, sendo a psicologia uma ferramenta para um tempo novo. Ignacio Ellacuría, que na época era reitor da UCA, já era um intelectual reconhecido internacionalmente a partir da filosofia.

Na estrutura narrativa de *Noviembre*, o próprio escritor é um narrador sigiloso que dá lugar às vozes reais que confluem naquela madrugada de 16 de novembro de 1989, enquanto todos dormiam. Na novela, Galán fica em silêncio como narrador, deixa que seus personagens – que não são ficcionais – falem, mas nas entrelinhas percebemos um silêncio gritante nas fendas da história. Estas fendas não estão ocas, mas não con-

seguem falar abertamente do inominável que foi mais de uma década de guerra com mais de oitenta mil mortos.

Na psicanálise, sabemos que o silêncio é um espaço de produção. A fala do silêncio é, muitas vezes, feita de ditos sobre aquilo que não é dito. Na história e na literatura, escutar o silêncio é escutar a narrativa dos mortos e desaparecidos que não contam, que não estão na história oficial, mas que precisam ser contados. Aqui o silêncio ocupa uma posição subjetiva, tornando-se um personagem da trama complexa.

Os fatos que Galán apresenta aconteceram no meio do que foi chamado de “ofensiva final”, que consistiu na tentativa de invasão e ocupação da capital San Salvador pelo exército de libertação. A leitura deste acontecimento é muito diferente a partir da região geográfica dos moradores da cidade, pois para combater os inimigos o exército atacava com helicópteros somente as favelas e não os bairros nobres da cidade. Dessa forma, a partir de diferentes protagonistas, o relato leva o leitor a ser testemunha do massacre. O próprio Galán fala a esse respeito:

Dei-me conta de que para que essa história fosse verdadeira, tinha que permitir que fosse contada por seus protagonistas. O narrador é apenas um facilitador, não externa uma só opinião. Não dá um juízo de valor. A história é contada através daqueles que a viveram e sofreram. (W MAGAZIN, setembro de 2020)<sup>2</sup>

O autor de *Noviembre* recria aquele momento como uma situação em que não havia escapatória. Os jesuítas estavam condenados e seu assassinato era questão de tempo, devido às circunstâncias vividas no país. Mas o escritor dá esse tom de “sem saída” com mais do que preocupação, com uma certa serenidade, e nos faz pensar se eles já esperavam que isso pudesse acontecer:

*De repente, as vozes já não se ocultaram nos sussurros e mostraram com eram. Ouviram o primeiro disparo. Vinha de trás, da fachada do Centro Monsenhor Romero. Ignacio Ellacuria levantou-se... não tinha medo, mas as mãos tremiam... Seus companheiros, também, estavam acordados. Pediu-les calma. Alguns rezavam. Outro perguntou: “- Vem procurar armas de novo?”; mas Ellacuria não quis responder e ninguém o fez. “- Que está passando?”; perguntou alguém mais, e também, não houve resposta. Pediu calma de novo e explicou que iria olhar o que estava acontecendo. Um dos seus companheiros lhe disse que tivesse cuidado e Ellacuria respondeu: “- Não te preocupes”. Esta frase era sincera, não tinham de que se preocupar, não podiam fazer nada. (GALAN, 2015, p. 8).*

<sup>2</sup> Entrevista publicada originalmente em W Magazin (revista eletrônica especializada em literatura) em 10 de outubro de 2016 e atualizada em 11 de setembro de 2020 após a condenação na Espanha do único acusado do massacre. Tradução livre. Disponível em: [www.WMagazin.com](http://www.WMagazin.com). Acesso em: 01/11/2020

Embora, o informe da Comissão da Verdade sobre esse massacre tenha apontado os militares implicados como executores e, posteriormente, condenados, estes não ficaram presos, mas foram anistiados pelo governo. Isso significa não os responsabilizar, ou seja, isso implica em um desmentido social. Essa anistia, talvez, faça sentido para uma parte da população; mas para a outra parte, ela traz um silêncio ensurdecedor.

### Conclusão

Castellanos Moya, por meio de seu personagem, evidencia de forma explícita que, no contexto do pós-guerra, a memória é vivenciada como uma herança maldita, algo que deve ser eliminado e combatido como se fosse uma farsa. Nesse sentido, observa-se que o trauma passa a ocupar o lugar da memória, configurando o que pode ser compreendido como uma memória traumática.

É emblemático que, durante o processo de elaboração desta dissertação, no aniversário dos Acordos de Paz, em 16 de janeiro de 2022, o presidente Nayib Bukele tenha se referido a esses acordos como uma “farsa”. Nesse mesmo contexto, o presidente instituiu um decreto que alterou a denominação da data, anteriormente conhecida como “Aniversário dos Acordos de Paz”, passando a chamá-la de “Dia Nacional das Vítimas do Conflito Armado”. Tal gesto evidencia a importância do fortalecimento das políticas da memória em El Salvador, ao reconhecer a memória como um patrimônio social que deve ser preservado e valorizado, especialmente para as novas gerações. A mudança da nomenclatura pode ser compreendida como um movimento de elaboração do trauma, na medida em que reconhece que a violência exercida não pode ser apagada ou desconsiderada. Nesse processo de reconhecimento, a literatura do pós-guerra desempenha uma função fundamental que não deve ser negligenciada.

#### Referências bibliográficas

- CORTEZ, B. (2010). *Estética del cinismo: Pasión y desencanto en la literatura centroamericana de posguerra*. F&G Editores.
- FERENCZI, S. (2011). *Análise de crianças com adultos*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931).
- FERENCZI, S. (2011). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- FERENCZI, S. (2011). *Reflexões sobre o trauma*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).
- FREUD, S. (1996). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vols. 1–24). Imago. (Trabalhos originais publicados entre 1893–1940).
- FREUD, S. (1996). *Além do princípio do prazer* (Vol. 18, pp. 13–75). Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- FREUD, S. (1976). *Fixação nos traumas – o inconsciente* (Vol. 16). Imago. (Trabalho original publicado em 1916–1917).
- GALÁN, J. (2015). *Noviembre: La novela sobre la masacre de los jesuitas que conmocionó al mundo*. Planeta.
- GALÁN, J. (2016). *Medianoche del mundo*. Visor de Poesía.
- GONDAR, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193–210.
- MOYA, H. C. (2013). *Asco: Thomas Bernhard em San Salvador*. Rocco.
- MONTOBBIO, M. (1999). *La metamorfosis del pulgarcito: Transición política y proceso de paz en El Salvador*. Icaria.
- TAVARES, F. (2005). *Memórias do esquecimento: Os segredos dos porões da ditadura*. Record.